

## **DOS PROJETOS BARTHESIANOS EM TORNO DO DISCURSO AMOROSO<sup>1</sup>**

### **BARTHES' PROJECTS CONCERNING A LOVER'S DISCOURSE**

**Priscila Pesce Lopes de Oliveira<sup>2</sup>  
Cid Ottoni Bylaardt<sup>3</sup>**

**Resumo:** O artigo parte das anotações preparatórias de aula dos seminários sobre o Discurso Amoroso ministrados por Roland Barthes entre 1974 e 1976, de versões prévias do livro *Fragments de um discurso amoroso* e do texto fixado pelo mesmo para procurar entender como Barthes propõe organizar seu trabalho de pesquisa sobre o Discurso Amoroso – quais são os parâmetros, os objetivos, a metodologia, as unidades de análise e o referencial teórico, como é feita a delimitação do objeto – e, principalmente, como tudo isso é apresentado pelo pensador francês a seus alocutários, sejam eles alunos ou leitores. Dado que essas questões são tratadas de modo particular em cada um dos seminários, nas etapas sucessivas de preparação do livro e no livro finalizado, é justamente esse *modo* que interrogamos: Como, nessas instâncias, as preocupações de Barthes com relação ao Discurso Amoroso são elaboradas, formuladas – pensando no sentido de existirem a partir de uma forma?

**Palavras-chave:** Roland Barthes, *Fragments de um Discurso Amoroso*, seminários barthesianos.

**Abstract:** The goal of this paper is to offer an overview of Roland Barthes' research on the lover's discourse. Based on Barthes' notes for his eponymous seminars (1974-1976), on manuscripts of the book *A lover's discourse: fragments* and on the published book, we attempt to outline his object of study, goals, parameters, theoretical framework,

---

1 O presente estudo é parte de uma pesquisa de doutoramento em Letras, desenvolvida com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

2 Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC): <priscilapesce@gmail.com>.

3 Professor Associado III do Departamento de Literatura da UFC: <cidobyl@ig.com.br>.

methodology, analytical units and, most importantly, how all of those are presented to students and readers. Given that those elements are treated differently in each seminar, in the book manuscripts and in the published book, our main object consists precisely of the various ways in which Barthes' work with the lover's discourse is presented – how it is formulated, that is, comes to exist in a certain form.

**Keywords:** Roland Barthes, A lover's discourse: fragments, Barthes' seminars.

## APRESENTAÇÃO

*Fragments de um discurso amoroso*, publicado em 1977, faz parte de um projeto de Roland Barthes que é, na verdade, um conjunto de projetos, ou vários espectros de projeto que se interpenetram: (a) o livro *Fragments*, (b) dois anos de seminário sobre o Discurso Amoroso, ministrados na École Pratique des Hautes Études (EPHE) e (c) um diário.

Barthes dedicava-se bastante a sua atividade docente. No extenso arquivo barthesiano, atualmente abrigado pela Biblioteca Nacional Francesa, estão preservadas, entre outros materiais, as anotações preparatórias de seus cursos, que têm rendido à editora Seuil, desde o início da década passada, uma leva de publicações póstumas. Uma delas é *Le Discours amoureux* (BARTHES, 2007b), livro organizado por Claude Coste contendo as anotações referentes aos seminários sobre o Discurso Amoroso, acrescidas de textos redigidos para o livro *Fragments*, mas eliminados, remanejados ou alterados durante o processo de edição.

A proposta deste artigo é procurar entender – a partir desses documentos de trabalho ainda inéditos e pouco estudados no Brasil e do livro *Fragments* tal como foi publicado – como Barthes propõe organizar seu trabalho de pesquisa do Discurso Amoroso – quais são os parâmetros, os objetivos, a metodologia, as unidades de análise e o referencial teórico, como é feita a delimitação do objeto – e, principalmente, como tudo isso é apresentado pelo pensador francês a seus alocutários, sejam eles alunos ou leitores. Essas questões são tratadas de modo particular em cada um dos seminários, nas etapas sucessivas de preparação do livro e no livro finalizado, e é justamente esse *modo* que interessa aqui: Como, nessas instâncias, as preocupações de Barthes com relação ao Discurso Amoroso são elaboradas, formuladas – pensando no sentido de existirem a partir de uma forma?

Antes de iniciar a aproximação, uma ressalva: apesar de trabalhar materialmente com livros, este estudo busca abordar dois espaços de trabalho diferentes, que são o livro e o seminário. Como lembram outros

pesquisadores que interrogam os cursos de Barthes (inclusive ele mesmo), o texto vive de modo diferente numa leitura silenciosa, assíncrona, e numa atualização de corpo presente, com interlocutores com quem se tem uma relação afetiva, como era o caso dos seminários barthesianos. O tipo de acabamento dado aos textos destinados a esses diferentes fins é também diverso, o que impacta um estudo que pretende atentar para aspectos a que apenas podemos chamar *formais*.

A fim de não nos embrenharmos demais na considerável complexidade dessa distinção, lembremos apenas o que apontou Barthes (2012, p. 418) em “Au Séminaire” acerca do seminário como um espaço comunitário onde todos os participantes “põem em circulação o objeto a produzir, o processo a compor, que passam assim de mão em mão” e onde o diretor de estudos, para fazer-se parte dessa dinâmica horizontal e deslizante, precisaria esquivar-se constantemente da potência hierárquica de sua posição institucional por meio da seguinte prática: “Corramos então risco maior: escrevamos no presente, produzamos diante dos outros e por vezes com eles um livro em via de se fazer: mostremo-nos *em estado de enunciação*” (BARTHES, 2012, p. 421). Nas palavras de Pino (2017, p. 191), os seminários barthesianos dedicavam-se ao desenvolvimento de uma pesquisa em curso, e as anotações preparatórias das aulas têm o mesmo caráter incerto e tortuoso dessa jornada partilhada com os demais participantes.

Ao estado de processo, soma-se o peso das diferenças entre um escrito concebido para uso pessoal como apoio a uma situação preponderantemente oral e aquele cuja redação visa à publicação em livro. No prefácio à edição de *Le Discours amoureux*, Coste (2007) destaca nas anotações de aula a redação telegráfica, repleta de sinais gráficos em lugar de conectores verbais, por exemplo. Ele comenta os diferentes graus de elaboração textual entre os dois seminários, e entre estes e o livro, bem como o cuidado barthesiano com o “artesanato do estilo”, que fica evidente no cotejo das etapas sucessivas do manuscrito de *Fragmentos*. Por fim, especialmente tendo em vista que os materiais aqui interrogados existem num fluxo entre seminário e livro, podem ser proveitosas as reflexões de Barthes na entrevista “Da fala à escrita”:

A escritura não é a fala, e esta separação tem sido abordada teoricamente nos últimos anos; contudo, ela não é tampouco o escrito, a transcrição; escrever não é transcrever. Na escritura, aquilo que está presente *em excesso* na fala (de modo histórico) e *demasiado* ausente da transcrição (de modo castrador) – o corpo – retorna, porém por uma via indireta, moderada e, numa palavra, *justa*;

musical, pelo gozo, e não pelo imaginário (a imagem). É, no fundo, essa viagem do corpo (do sujeito) pela língua que modula nossas três práticas (fala, escrita, escritura), cada qual a seu modo: viagem difícil, sinuosa, diversa (BARTHES, 1981, p. 12).<sup>4</sup>

## OBJETO E UNIDADES DE TRABALHO: O DISCURSO AMOROSO E SUAS FIGURAS

Numa apresentação breve, poderíamos dizer que o livro *Fragmentos de um discurso amoroso* traz um conjunto (não exaustivo) do que chama Figuras, oitenta cenas do “amante em ação” (BARTHES, 2003, p. XVIII), dispostas em ordem alfabética para proporcionar um caráter combinatório e fragmentário à leitura e redigidas na primeira pessoa do singular. Cada figura tem um título, um argumento e um desenvolvimento em fragmentos numerados, e as referências remetem indistintamente a livros teóricos, escritores literários, participantes dos seminários e pessoas do convívio do escritor.

Os seminários, o Datiloscrito e o livro *Fragmentos*<sup>5</sup> são projetos unidos por seu objeto comum, o Discurso Amoroso. Este é definido em relação com a experiência amorosa e com o que se diz acerca dela, mas não corresponde exatamente nem a um, nem ao outro. Esse duplo descolamento parcial faz-nos pensar que esse objeto tenha algo de inventado, o que aumenta o interesse da argumentação desenvolvida na apresentação do livro, na qual Barthes (1989, p. 5) se queixa da falta de

---

4 “L’écriture n’est pas la parole, et cette séparation a reçu ces dernières années une consécration théorique ; mais elle n’est non plus l’écrit, la transcription ; écrire n’est pas transcrire. Dans l’écriture, ce qui est *trop* présent dans la parole (d’une façon hystérique) et *trop* absent de la transcription (d’une façon castratrice), à savoir le corps, revient, mais selon une voie indirecte, mesurée, et pour tout dire *juste*, musicale, par la jouissance, et non par l’imaginaire (l’image). C’est au fond ce voyage du corps (du sujet) à travers le langage, que nos trois pratiques (parole, écrit, écriture) modulent, chacune à sa façon: voyage difficile, retors, varié [...]” Quando não há indicação em contrário, as traduções de citações são nossas.

5 A fim de facilitar o entendimento, os textos em pauta serão referidos pela seguinte nomenclatura: Seminário de 1974-1975 (Seminário de 74-75), Seminário de 1975-1976 (Seminário de 75-76), Datiloscrito, livro publicado *Fragmentos de um discurso amoroso* (*Fragmentos*) e, para o conjunto, projetos Discurso Amoroso. Por Datiloscrito designamos uma das versões preliminares do livro *Fragmentos*, de que nos ocuparemos aqui principalmente de seções “periféricas”, a apresentação e o posfácio. O diário integrante do projeto não será discutido por impossibilidade de acesso ao material, de que temos conhecimento apenas por relatos de terceiros (COSTE, 2007, pp. 41-42; SAMOYAULT, 2015, p. 619).

ciências que se ocupem propriamente do Discurso Amoroso, que seria “completamente abandonado pelas linguagens circundantes: ignorado, depreciado ou chacoteado por elas, cortado não apenas do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, saberes, artes)”.<sup>6</sup>

Tal queixume é peça-chave da justificativa da adoção do formato pouco científico de *Fragmentos* e, como se verá, a questão de situar o objeto de pesquisa com relação às linguagens de saber faz parte de um movimento reivindicatório conduzido de forma performática ao longo dos projetos Discurso Amoroso. Porém, antes de tratar disso, é preciso entender: Afinal, o que é o discurso amoroso?

A proposição oscila um pouco ao longo dos anos. O título do Seminário de 74-75 é “Problemas de enunciação: o discurso amoroso”, donde vemos que a proposta passa, nalguma medida, pelos estudos da linguagem. Das diferentes definições apresentadas nas instâncias de trabalho, o Discurso Amoroso pode ser mais apreensível a partir da seguinte afirmação do Datiloscrito: “O texto não é um objeto, é um funcionamento” (BARTHES, 2007, p. 695).<sup>7</sup> Analogamente, o Discurso Amoroso seria o movimento de linguagem que acontece conforme o apaixonado passa pela experiência amorosa.

O Discurso Amoroso é indissociável da Figura, a unidade de análise proposta por Barthes e apresentada como um *operador*, não um conceito. Frisado repetidamente, seu caráter de uso é relevante tanto para a maneira como as Figuras são concebidas quanto para seu funcionamento.

Em *Fragmentos*, a Figura é um pedacinho do Discurso Amoroso. Num movimento que retoma e desloca o percurso analítico de *S/Z*, os pedaços-figuras são uma operação de leitura, demarcados conforme o leitor reconhece no decurso do processo de produção de linguagem alguma coisa que também já experimentou (BARTHES, 1989, pp. 7-8).

Em todos os projetos, Barthes repensa/reapresenta a noção de Figura. Os dois seminários iniciam-se com uma reflexão ou proposição metodológica e apresentação do plano de trabalho. No Seminário de 74-75, a noção de Figura é esboçada rapidamente, como que para fornecer aos participantes as condições de viabilizar o trabalho, o qual consiste em abordar cem Figuras. A publicação dos seminários dá a entender que ele

---

6 “[...] complètement abandonné des langages environnants: ou ignoré, ou déprécié, ou moqué par eux, coupé non seulement du pouvoir, mais aussi de ses mécanismes (sciences, savoirs, arts)”.

7 “Le texte n’est pas un objet, c’est un fonctionnement.”

leva uma lista pronta e trata de uma ou mais Figuras em cada encontro. Apesar de os alunos não sugerirem Figuras, na exposição da metodologia e em *Fragmentos*, Barthes ressalta que as Figuras são potencialmente infinitas, podendo ser criadas por cada pessoa durante suas experiências amorosas.

No Seminário de 75-76, temos a Figura como produção de linguagem a partir dos efeitos afetivos ligados a eventos da aventura amorosa (BARTHES, 2007, p. 362). Essa “definição” tem duas sutilezas: os acontecimentos seriam menos significativos do que sua reverberação afetiva, e a produção nem sempre seria o que se pode chamar de bem-sucedida, do gênero enxurrada inspirada. Um exemplo desse duplo contrapé é a Figura “Adorável”, ancorada justamente numa mínima afasia que desemboca na tautologia:

*Adorável* quer dizer: isto é o meu desejo, enquanto é único: “É isso! É exatamente isso (que eu amo)!”. Entretanto, quanto mais experimento a especialidade de meu desejo, menos posso nomeá-la; à precisão do alvo corresponde um tremor do nome; o próprio do desejo só pode produzir um impróprio do enunciado. Desse malogro linguageiro, não resta senão um vestígio: a palavra “adorável” (BARTHES, 2003, p. 12).<sup>8</sup>

Nos dois seminários, as Figuras são relacionadas à noção de Texto, que Barthes já vinha trabalhando desde os seminários sobre o conto Sarrasine (1967-1968 e 1968-1969); no Seminário de 74-75 acerca do Discurso Amoroso, ele declara que seu estudo não busca a criação de um novo método crítico, mas de uma teoria da leitura, uma vez que o funcionamento das Figuras pressupõe uma participação ativa do leitor, que é quem de fato as elabora e onde elas ganham existência e validade.

Ainda em termos de relações entre os projetos Discurso Amoroso e as propostas críticas e teóricas precedentes elaboradas por Barthes, no encerramento do Seminário de 74-75 (BARTHES, 2007, p. 295) ele defende que as Figuras não seriam elementos de uma estrutura do Discurso Amoroso, mas sim uma fuga da ideia de funcionamento estrutural, uma vez que não poderiam ser combinadas para gerar significantes num nível superior. Essa é uma característica que permanece inalterada ao longo

---

8 “*Adorable* veut dire: ceci est mon désir, en tant qu’il est unique: ‘C’est ça! C’est exactement ça (que j’aime)!’ Cependant, plus j’éprouve la spécialité de mon désir, moins je peux la nommer; à la précision de la cible correspond un tremblement du nom; le propre du désir ne peut produire qu’un impropre de l’énoncer. De cet échec langagier, il ne reste qu’une trace: le mot ‘adorable’ [...]” (BARTHES, 1989, p. 27).

de todos os projetos *Discurso Amoroso*: o apaixonado vive cada Figura conforme esta advém a ele, não consegue elaborar uma sequência preditiva, não consegue conhecer/dominar o que está acontecendo. Analogamente, Barthes descreve a dinâmica do trabalho do seminário como enumeração, não construção (de um todo que pudesse ser concluído) –, e isso redonda noutra constante dos projetos, que é a ordenação alfabética das Figuras.

Em todos os projetos *Discurso Amoroso*, Barthes defende longamente a opção pela ordem alfabética como um recurso contra a *dispositio* da retórica clássica, a qual operaria pelo desenvolvimento, traria um sentido, um aprendizado a partir da sequência discursiva. Em contraposição, ele advoga o caráter fragmentário e combinatório das figuras como uma afirmação duplamente fundamentada: a) numa homologia ao objeto – o *Discurso Amoroso* seria o terreno do descontínuo (BARTHES, 2007, p. 360); e b) na proposta do seminário, que não trataria de um fenômeno histórico com vistas a obter um conhecimento generalizável, mas interrogaria um modo discursivo, o discursar que um apaixonado indefinido se faz ao longo de sua experiência amorosa (pp. 53-54).

Essa recusa do saber como registro de operação tanto do *Discurso Amoroso* quanto da análise conduzida nos dois seminários e no livro *Fragments* é reiterada em diversos aspectos dos projetos *Discurso Amoroso*. Além de estar presente como dinâmica de funcionamento das Figuras, tal recusa é espinha dorsal da opção metodológica e composicional por organizar as abordagens do *Discurso Amoroso* tendo como pivô o apaixonado, uma persona cujos traços tendem à subjetividade, à emotividade, à desorganização, características que não costumam estar associadas à esfera do saber socialmente prestigiado – conforme discutimos mais detidamente alhures (OLIVEIRA; BYLAARDT, 2019). Essa exterioridade é um pouco mais sutil do que um estereótipo e do que a incapacidade de organização que acabamos de apontar: mais do que alijado da produção de saber, o apaixonado é, nalguma medida, alguém que a recusa, e de modo especial. Vejamos:

Na vida amorosa, a trama dos incidentes é de uma incrível futilidade, e essa futilidade, aliada à mais alta gravidade, é propriamente inconveniente. Quando penso seriamente em me suicidar por um telefonema que não vem, produz-se uma obscenidade tão grande quanto no momento em que, em Sade, o papa sodomiza um peru. Mas a obscenidade sentimental é menos estranha, e é isso que a torna mais abjeta: nada pode superar a inconveniência de um sujeito que desaba porque seu outro tomou um ar ausente, “enquanto ainda há tantos homens no mundo que morrem de fome, tantos povos que lutam duramente por sua liberação, etc.” (BARTHES, 2003, p. 273).

Temos aqui um lugar comum das reflexões sobre o enamoramento, presente ao menos desde o *Banquete* platônico: o apaixonado embaralha a escala de valores, confere importância desmedida a ninharias. No entanto, a dicção de Barthes já diz também da maneira como esse falante apaixonado seria caracterizado pela gregariedade de que se alheia: como inconveniente, no que difere tanto do inadmissível, isto é, do hostil ao sistema, quanto do absurdo, a exclusão constitutiva do sistema. Sendo apenas inconveniente, o apaixonado é aquele que, sem aderir ao bom senso (a *doxa*), tampouco propõe contravalores; aos bem-intencionados que procurassem informá-lo da futilidade de suas catástrofes, poderia responder, com um suspiro resignado: “Sei disso, porém é assim que me sinto”. Essa mesma recusa, que suspende sem dispensar, também funda (e, até certo ponto, afunda) a relação com as discursividades interpeladas pelos projetos Discurso Amoroso – dentre as quais destacam-se a Filosofia e a Psicanálise.

## ANCORAGENS E LIBERTINAGENS TEÓRICAS

Conforme comentamos, em sua proposta de trabalho Barthes estabelece um novo objeto de pesquisa, o Discurso Amoroso. Como parte do esforço dos seminários, ele recorre a ciências que possam auxiliá-lo na abordagem desse objeto – com maior exatidão, poderíamos falar em discursividades auxiliares, já que uma delas é a Literatura; contudo, examinemos primeiramente a relação entabulada pelos projetos Discurso Amoroso com instâncias de saber.

A Filosofia é referida como um risco que não se quer correr (BARTHES, 1989, p. 12), como comentamos acerca da disposição alfabética das Figuras. A Filosofia é uma espécie de duplo monstruoso em *Fragments*, espreitando nas possíveis cristalizações de sequências ou grupos de figuras (2007, p. 611) que poderiam gerar um percurso com um resultado sapiencial. Na apresentação do Seminário de 75-76, o Discurso Amoroso é designado como uma antinarrativa (p. 320).

Leyla Perrone-Moisés (2012a, p. 92) nota que as figuras de *Fragments* “passam sem se arrumarem numa ordem; são *topói*, não no sentido de estereótipos, mas no sentido de lugares vazios que podem ser ocupados revezadamente”. Em estudo anterior, observamos também que a estrutura do livro – uso do termo “Fragments” no título, distribuição das unidades em ordem alfabética – e o convite feito na seção “Como é feito este livro” encorajam a leitura descontínua, aproveitando a fragmentação como

dispositivo que dá corpo ao deslizar textual e torna mais evidentes a precariedade e o aspecto não totalizante daquele discursar (OLIVEIRA; BYLAARDT, 2019, pp. 61-62). Estudos como os de Marty (2006) e Pino (2015) sugerem que haja uma ordem velada no livro *Fragmentos*, uma aventura secreta que passaria por fazer com que o leitor perambulasse pelo labirinto das Figuras. Contudo, não obstante a fecundidade dessa proposta de leitura, o presente estudo não tem por objetivo verificar a aderência do texto de *Fragmentos* ao projeto que anuncia; nosso objeto de interrogação é a recorrente preocupação de Barthes em explicar, ou até mesmo justificar, aspectos de seu trabalho (objeto, metodologia, organização), num movimento de constante vinculação de suas opções a valores que estas viriam a reforçar ou burlar.

Para aqueles com algum trânsito na fortuna crítica barthesiana, há pouca novidade nesse empenho: trata-se da moral da forma, questão que obsedou Barthes ao longo de toda a sua vida intelectual, do primeiro livro ao curso que foi o derradeiro. Assim, o presente artigo integra um eixo dos estudos barthesianos que explora as variações e os desdobramentos de uma questão que poderia ser colocada desta forma: Que posicionamento(s) ético(s) age(m) nos diferentes aspectos das produções de linguagem, e como isso se dá?

O empenho justificatório nos projetos Discurso Amoroso é bastante explícito com relação à instância de saber mais evidente e recorrente: a Psicanálise, em particular a lacaniana, da qual Barthes traz a terminologia e se vale de diversos conceitos e dinâmicas. Ao longo dos projetos, entretanto, mingnam a aderência estrita e o rigor com que Barthes traz a Psicanálise, como mostram os estudos de Claude Coste e de Éric Marty. Em *Roland Barthes, le métier d'écrire*, Marty (2006) analisa diversos aspectos da empreitada discursiva de *Fragmentos*, argumentando que o livro opera um despojamento da intenção transformativa que, no final da década de 1970, caracterizava a relação das discursividades teóricas das ciências humanas com as questões às quais se dedicavam:

Esses discursos, os de Lacan e de Foucault, se são extremamente corrosivos dos mitos das vanguardas, estão, entretanto, integrados a essa mesma modernidade, tomam seu partido e não acarretam afastamento algum na medida em que permanecem, tanto por sua linguagem como por seu movimento, dentro da esfera da *theoria*. [...] [Enquanto *Fragmentos*] abandona a hipótese de que a

*theoria* seja o local hegemônico de leitura do mundo e de produção de verdades (MARTY, 2006, p. 203).<sup>9</sup>

Marty postula dois procedimentos de esquivas barthesianas de um dogmatismo teórico: primeiro, a opção por uma organização e uma dicção textuais que pouco têm de pedagógico, expositivo, explicativo ou conhecedor; segundo, uma certa flexibilidade para com os campos de saber mobilizada no texto sob forma de citações, terminologia, conceitos etc.

No prefácio à edição de *Le Discours amoureux*, Coste (2007, p. 38) assinala que na Introdução do Seminário de 75-76 Barthes manifesta, “entre pastiche e paródia, entre homenagem e catarse”,<sup>10</sup> uma nova atitude com relação à teoria, em especial a psicanalítica: sem rupturas, um distanciamento crítico, a possibilidade de extravasar. No estudo “Les brouillons du ‘Je t’aime’” [*Os rascunhos do “Eu te amo”*], em que comenta as diferenças entre as versões da Figura “Eu te amo” desenvolvidas nos dois seminários e no livro, Coste (2016) nota que a primeira redação do Seminário de 74-75 traz em peso vocabulário e conceitos lacanianos, numa aplicação relativamente bem-comportada. Já no Seminário de 75-76, o lugar da Psicanálise é outro: “centro e ausência, insistência e descolamento; ela apresenta-se como um grande depósito de citações e de conceitos à disposição de um pensar à deriva” (COSTE, 2016, p. 67).<sup>11</sup> Dentre os procedimentos de distanciamento utilizados por Barthes, Coste destaca a relativização da teoria laciana pelo jogo do contraste com outras abordagens, em especial a de Freud, e também o recurso a outros pensares, como a linguística saussuriana e as proposições de Nietzsche.

Esse distanciamento é, além de consciente, extensamente comentado pelo próprio Barthes. Há em *Fragments* três seções que antecedem as Figuras: a primeira é um parágrafo iniciado por “A necessidade deste livro”, a segunda tem por título “Como é feito este livro” e a terceira consiste numa página-frase que instaura o lugar de fala do livro na persona do

---

9 “Ces discours, ceux de Lacan et de Foucault, s’ils sont extrêmement corrosifs par rapport aux mythes des avant-gardes, sont néanmoins intégrés par cette modernité comme parties prenantes de la modernité et n’entraînent aucune mise à l’écart, parce qu’ils demeurent, dans leur langage comme dans leur démarche, dans la sphère de la *theoria*. [...] [*Fragments*] abandonne l’hypothèse que la *theoria* puisse être le lieu hégémonique de lecture du monde et de production de vérités.”

10 “[...] entre pastiche et parodie, entre hommage et catharsis”.

11 “[...] centre et absence, insistance et détachement; elle se présente comme un immense magasin de citations et de concepts mis à la disposition d’une pensée à la dérive”.

apaixonado, declarando em letras garrafais “É pois um apaixonado que fala e que diz:”. A versão de “Como é feito este livro” que integra o Datiloscrito é bem diferente da publicada: muito mais extensa, em posição de posfácio e, como descreve Coste (2007, p. 23), com as características de um panorama teórico. Esse texto é de grande interesse para o presente estudo e, doravante, será designado como “posfácio descartado”.

Na Introdução do Seminário de 74-75, a Psicanálise é referida como a única *episteme* contemporânea a ocupar-se do Discurso Amoroso, mesmo que de maneira insatisfatória: “*De fato*, a acolhida que a psicanálise oferece ao sentimento amoroso é parcimoniosa, pouco encorajadora, redutora *no limite do tolerável*, mas *pelo menos* existe lugar para o discurso amoroso na tópica psicanalítica” (BARTHES, 2007, p. 58, grifos nossos).<sup>12</sup> Voltando à carga no Seminário de 75-76 e no posfácio descartado, Barthes declara que sua proposta de trabalho não era aplicar a Psicanálise com deferência e como referência, como algo que pudesse, a partir duma distância segura, perscrutar o Discurso Amoroso. No posfácio descartado, a Psicanálise é referida como único intertexto possível (p. 696); Barthes alega ali também que, à força de estar difundida no caldo cultural da contemporaneidade, a Psicanálise seria constituinte do próprio discursar interno do apaixonado; por fim, traz uma ligação afetiva com esta seara do saber, por conta do interesse de pessoas próximas. Tal zelo de desobrigação parece-nos beirar o preventivo:

A Psicanálise não foi o ponto de partida, apenas uma companheira ocasional do percurso. Disso decorre uma certa **negligência**: alguns mal-entendidos, o uso raso de temas conhecidos (a bobina, o *Fort/Da*), o exagero de detalhes singelos (o “lunar” de Winnicott), o reconhecimento **preguiçoso** duma vulgata, a ampliação **ingênu**a de um registro, o Imaginário, o qual, porém – **sabe-se bem** –, não pode ser considerado em separado (BARTHES, 2007, pp. 696-697, negritos nossos).<sup>13</sup>

Nos termos grifados, vemos que a tônica é algo como: “vejam bem, a Psicanálise faz parte deste projeto, mas eu não a uso direito, *como se deve*”.

---

<sup>12</sup> “Certes, l'accueil fait à la psychanalyse au sentiment amoureux est parcimonieux, pas encourageant, passablement réducteur, mais tout au moins il y a une place prévue pour le discours amoureux dans la topique psychanalytique.”

<sup>13</sup> “On n'est pas parti de la psychanalyse; on a fait des bouts de chemin avec elle. D'où une certaine négligence: des contresens probablement, l'aplatissement de thèmes connus (la bobine, le *Fort/Da*), l'exagération de détails ténus (le 'lunaire' de Winnicott), la reconnaissance paresseuse d'une vulgate, l'amplification naïve d'un registre, l'Imaginaire, qui pourtant, on le sait bien, ne peut être pris en soi.”

Contudo, parece-nos que o esforço (texto) que Barthes emprega em proclamar o quanto a Psicanálise não é tutelar na pesquisa, o quão frouxos são seu domínio e sua aplicação, diz respeito menos ao lugar que de fato essa ciência tem em sua abordagem do discurso amoroso do que ao posicionamento teórico que é uma das buscas barthesianas no projeto e que será nosso próximo assunto. Por ora, notemos apenas a insistência em assinalar possíveis deficiências de rigor dos estudos sobre o Discurso Amoroso, a despeito de certo investimento pessoal no estudo da Psicanálise (SAMOYAULT, 2015, p. 622).

Uma última consideração sobre as ancoragens e libertinagens teóricas dos projetos Discurso Amoroso: enquanto a Filosofia e a Psicanálise são colocadas como discursividades que tendem a uma distinção – rígida e hierárquica – entre o discurso amoroso e o discurso que o elabora/simula/analisa, a literatura é apresentada como a possibilidade de fusão, o fluxo onde o discursar sobre o Discurso Amoroso produz também um discurso amoroso. A literatura integra os projetos Discurso Amoroso mais visivelmente na presença do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, que é utilizado como texto-tutor no Seminário de 74-75 e intertexto privilegiado em *Fragmentos*. Todavia, há também algo de literário no trabalho de pesquisa barthesiano enquanto prática que, em lugar duma descrição do Discurso Amoroso, opta por uma simulação. Essa é mais uma escolha apresentada e fundamentada, conforme lemos no início da seção “Como é feito este livro”, em *Fragmentos*:

Tudo partiu deste princípio: que não se devia reduzir o amante a um simples sujeito sintomal, mas antes fazer ouvir o que há em sua voz de inatual, quer dizer, de intratável. Donde a escolha de um método “dramático”, [...]. Substituímos pois a descrição do discurso amoroso por sua simulação [...] a fim de pôr em cena uma enunciação, não uma análise (BARTHES, 2003, p. XVII).<sup>14</sup>

A recusa da análise como ação desejada para o livro é parte do que comenta Marty acerca da diferença entre *Fragmentos* e projetos de outros pensadores contemporâneos a Barthes: enquanto a análise, teórica ou clínica, implica a possibilidade de uma mudança de perspectiva acerca do problema/objeto que permite sua reformulação e sua realocação na

---

<sup>14</sup> “Tout est parti de ce principe: qu’il ne fallait pas réduire l’amoureux à un simple sujet symptomal, mais plutôt faire entendre ce qu’il y a dans sa voix d’inactuel, c’est-à-dire d’intraitable. De là le choix d’une méthode ‘dramatique’, [...]. On a donc substitué à la description du discours amoureux sa simulation, [...] de façon à mettre en scène une énonciation, non une analyse.” (BARTHES, 1989, p. 7)

experiência, pessoal e coletiva, a proposta declarada por Barthes com relação ao discurso amoroso é de outra ordem. Na apresentação de *Fragmentos*, escrita para integrar o programa da peça teatral brasileira elaborada a partir do livro, descreve Leyla Perrone-Moisés:

O livro de Barthes não é um tratado sobre o amor, é um livro que dá a palavra a um sujeito enamorado – fictício, composto da experiência de vários, mas corporificado pelo artifício da primeira pessoa. A Barthes não interessava um tratado sobre o amor, que é sempre uma fala a frio sobre o que dizem “os outros”. O próprio sujeito enamorado não sabe o que é o amor, nem está em condições de analisar objetivamente seus sentimentos; sentir já o ocupa em demasia. Ele fala, fala muito, e nunca sabe o que diz. Talvez o amor seja exatamente essa fala obsessiva e desordenada, esse longo monólogo imaginário, que ocorre tanto na cabeça do apaixonado como em seus supostos diálogos com o ser amado. Uma longa e solitária tagarelice (PERRONE-MOISÉS, 2012b, p. 96).

Essa tagarelice que muito fala, pouco sabe e pretende explicar menos ainda é caracterizada por Barthes como um solilóquio. Diz Coste (1998, p. 228) que *Fragmentos* obtém a correspondência entre uma forma estética e uma situação existencial; bem, para escrever o Discurso Amoroso – que, como vimos, se daria linguisticamente no plano afetivo do apaixonado em ausência da pessoa amada –, Barthes (*apud* COSTE, 1998, p. 261) declara valer-se de uma concepção de drama emprestada de Nietzsche: “‘O drama antigo previa grandes cenas declamatórias, o que excluía a ação’ (esta ocorria *antes* da cena, ou *fora* de cena)”<sup>15</sup>

É recorrente, nas aproximações críticas de *Fragmentos*, a designação de procedimentos textuais ali presentes que seriam da ordem do estético. Em sua apresentação/homenagem no colóquio de Cérisy dedicado à obra barthesiana em 1977, Robbe-Grillet (1995) chega mesmo a tratar o livro por romance. Philippe Roger (1986, pp. 194-196) sustenta que haja na relação de Barthes com o “eu” do volume algo de romanesco, do mesmo timbre das ligações complexas entre autores e seus personagens. Outros pesquisadores reconhecem um caráter híbrido ao texto, cuja empreitada de simulação comporta – nas dobras que atravessam a experiência para tramar a escritura – também o espaço para gestos analíticos (COSTE, 1998, p. 263; PERRONE-MOISÉS, 2012a, p. 93).

Além dos elementos composicionais que conferem ao lugar de fala de *Fragmentos* traços de ficcionalidade, a literatura participa dos projetos

---

15 “Le drame antique avait en vue de grandes scènes déclamatoires, ce qui excluait l’action’ (celle-ci avait lieu *avant* ou *derrière* la scène)”.

Discurso Amoroso na abordagem do objeto a qual, ao longo das instâncias, fica cada vez mais próxima das proposições barthesianas da *Aula inaugural do Collège de France* (BARTHES, 2002, p. 434) acerca da literatura como aquilo que “faz girar os saberes”, que os convoca para deslocá-los, como temos visto com relação à Psicanálise. Assumida explicitamente nos projetos Discurso Amoroso como proposta, essa dinâmica já estava presente em muito do que Barthes vinha desenvolvendo.

Entretanto, deslocar difere de abolir; houve, em certo momento, um modo de ação previsto para o livro quanto ao trabalho analítico, como veremos.

## PROJETO, FRACASSO E UTOPIA

A título de ilustração, vejamos uma contagem das páginas dedicadas a apresentar e discutir o que se pretendia e o que se conseguiu fazer em cada uma das instâncias de trabalho dos projetos Discurso Amoroso aqui examinadas, em ordem cronológica:

Quadro 1: Reflexões metalinguísticas nos projetos Discurso Amoroso

Instância de trabalho	Extensão	Componentes
Seminário de 74-75	38 p.	Introdução Finta metodológica Conclusão
Seminário de 75-76	70 p.	Palinódia O que são as Figuras? A mão entreaberta (o rótulo psicanalítico)
Datiloscrito	38 p.	Argumento “Como é feito este livro” [posfácio descartado]
<i>Fragmentos de um discurso amoroso</i>	8 p.	“A necessidade deste livro” “Como é feito este livro” É, pois, um apaixonado que fala e que diz

Fonte: elaboração dos autores.

Mesmo considerando as diferentes características físicas das edições, como tipo e tamanho de letra e do bloco de texto na página, é possível ver que Barthes se ocupa bastante em situar teoricamente o movimento dos projetos Discurso Amoroso, apresentar e validar a(s) abordagem(ns) adotada(s), explicar aos participantes do seminário e aos leitores tanto o que esperar como quais seriam as opções e posicionamentos teóricos

subjacentes às escolhas de como organizar e conduzir a abordagem do Discurso Amoroso. Fica também visível que houve uma abreviação dessas reflexões na redação final de *Fragmentos*.

A versão publicada de “Como é feito este livro” tem seis páginas de extensão e as seguintes subseções: 1. “Figuras”, 2. “Ordem” e 3. “Referências”. O posfácio descartado, de mesmo título, tem 36 páginas e 65 fragmentos, e é nele que nos concentraremos neste último tópico.

Pode-se ter uma ideia da temática e do teor do texto a partir dos títulos de alguns de seus componentes: “Qual amor?”; “Qual *corpus*?”; “Sem metalinguagem”; “Donde vem o descontínuo?”; “Definições?”; “A desordem”; “Sem integração”; “O alfabeto”; “O acaso”; “Por que *Eu*?”; “Nada de cultura”; “Referências e citações”; “Psicanálise (I): por quê?”; “Psicanálise (II): deformações”; “*Werther* e o *Banquete*”; “O sentido para mim”; “O poder plural”; “A loucura do apaixonado”; “Inatural”.

São apresentados e discutidos o objeto de *Fragmentos*, sua organização – unidades, ordenação, uso do “eu” –, referências utilizadas e relação com as mesmas; enfim, temos ali uma exposição detalhada de uma proposta do livro. Diversos segmentos reproduzem, quase sem alterações, algumas linhas das reflexões metodológicas sobre as anotações preparatórias dos seminários.

Vejamos o que é dito acerca da redação na primeira pessoa do singular:

### Por que *Eu*?

Se foi utilizado *Eu*, é também por um motivo tático (e não mais estrutural). [...]

*Eu* é duplamente duvidoso: ao sugerir que o autor do discurso e o autor do texto são a mesma pessoa, e ao conceder a essa pessoa uma *importância* geralmente bem mal vista. Mas tal risco advém duma necessidade: evidenciar (é, de certa forma, o projeto polêmico do Livro) que não tratamos do amor a partir de uma *instância superior* (diferentemente de todos os discursos objetivos – científicos ou moralistas – que foram ou são feitos sobre o amor (BARTHES, 2007, pp. 687-688)).<sup>16</sup>

---

16 “Pourquoi *Je* ?// Si l’on a employé *Je*, c’est aussi pour une raison tactique (et non plus structurale). [...] *Je* se mouille deux fois: en induisant à faire croire que l’auteur du discours et l’auteur du texte sont une même personne, et en donnant à cette personne une *importance* qui est d’ordinaire très mal vue. Mais ce risque a sa nécessité: faire comprendre (c’est en un sens le projet polémique du Livre) qu’on parle de l’amour *sans le prendre de haut* (ce que font tous les discours objectifs – scientifiques ou moralistes – qui se sont tenus ou se tiennent sur l’amour.”

Além de exemplificar o movimento justificatório levado a cabo por Barthes e que temos salientado ao longo deste estudo, o trecho traz também uma constante dos projetos Discurso Amoroso ainda não abordada aqui: a recusa reiterada da metalinguagem como dinâmica de pesquisa. Nesse sentido, ele defende o valor metodológico de manter entre o discurso sobre o Discurso Amoroso (buscado pelos seminários e o livro) e o próprio discurso amoroso (enquanto objeto) uma intermitência pautada pelo *quase*: o discurso produzido no seminário por vezes se confundiria com o discurso amoroso e por vezes estaria dele apartado (BARTHES, 2007, pp. 351-352). Essa dinâmica do *quase*, que funciona como uma suspensão, integra a proposição de um entrelugar elaborada no *Datiloscrito*: a reivindicação de uma instância discursiva para *Fragments* que fosse diversa da erudição (pp. 611-612). Um aspecto disso que podemos ver no posfácio descartado é quanto às referências, que são “mal” dadas, inexatas:

Com que proveito? *Não é esse o projeto do texto* (de todo modo, fora os militantes do saber, quem verifica uma citação, uma referência? Para quê? Segundo qual ideologia, a não ser de dominação e, portanto, de poder?). Por sua vez, o fluir, o *inacabamento*, *quer dizer algo*: não necessariamente que o autor seja preguiçoso, mas que, por conta de sua proposta, ele tomou e defende um partido: mudar de instância, escrever segundo um *saber afetivo*, e não um saber autoritário; *produzir* na gramática do saber um *modo novo*, o equivalente a um subjuntivo, não a um indicativo (BARTHES, 2007, p. 693, grifos nossos).<sup>17</sup>

Esse projeto (polêmico?) do livro, que se dá na sua composição fragmentária, no registro flutuante, na abertura ao inconcluso e à imprecisão, opera por meio da hesitação. Em lugar de opor saber a afeto, de defender a prevalência de um em detrimento do outro, Barthes fala de um saber afetivo, de um encontro possível, de nuances às quais podemos nos abrir e cuja produção cria espaços de mobilidade em sistemas rígidos, pesados. Essa busca é tratada num de seus textos metodológicos mais célebres, *Aula* (BARTHES, 2002), e aparece também na sistemática vinculação dos temas dos cursos do Collège a questões

---

17 “À quoi bon? Ce n’est pas là le projet du texte (de toutes manières, hors les militants du savoir, qui vérifie une citation, une référence? À quelle fin? Selon quelle idéologie, sinon de maîtrise, donc de pouvoir?). En revanche, le flou, l’inachèvement veut dire quelque chose: non pas forcément que l’auteur est paresseux, mais qu’en raison de son propos il a pris et soutient un parti: changer d’instance, écrire selon un savoir affectif, et non selon un savoir autoritaire; produire dans la grammaire de ce savoir une modalité nouvelle, l’équivalent d’un subjunctif et non plus d’un indicatif.”

biográficas e afetivas, inscrevendo assim explicitamente, nesses projetos que não prescindem de algum saber, a modulação preciosa do corpo. Tal empreitada tem merecido páginas da crítica e será, aqui, apenas sinalizada nas palavras do próprio autor:

Segundo o discurso da ciência – ou segundo certo discurso da ciência – o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação. [...] A enunciação, por sua vez, expondo o lugar e a energia do sujeito, quicá sua falta (que não é sua ausência) [...] assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insinuável, desconhecido e no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa (BARTHES, 2007a, p. 19).<sup>18</sup>

Pensando espacialmente, esses deslocamentos propostos por Barthes dizem respeito também a uma reivindicação presente em todos os projetos Discurso Amoroso (e em muito da obra barthesiana): a *atopia*. Esta pode acontecer em termos de gênero textual, se considerarmos *Fragments* como um discursar híbrido, que tem algo de Enciclopédia, algo de Ensaio, algo de Diário (na medida em que a vivência do escritor entra também na redação das Figuras),<sup>19</sup> sem ser estritamente nenhuma dessas coisas e tampouco sem deixar de ter traços delas. A afirmação da atopia está também na caracterização do amor como um objeto inatural, fora dos horizontes de consideração teórica do final da década de 1970, quando a intelectualidade francesa estava mais preocupada com Poder, Política e as possibilidades de agir nessas frentes. Num artigo para o Suplemento cultural d’*O Estado de São Paulo* próximo à publicação de *Fragments*, Leyla Perrone-Moisés trazia retoricamente a pergunta que muitos talvez tenham feito: “Como explicar, então, que o grande inimigo dos estereótipos se dedique agora ao discurso amoroso, não para analisar e desmistificar, mas para *cultivá-lo*?” (PERRONE-MOISÉS, 2012, pp. 89-90).

---

18 “Selon le discours de la science – ou selon un certain discours de la science –, le savoir est un énoncé; dans l’écriture, il est une énonciation. [...] L’énonciation, elle, en exposant la place et l’énergie du sujet, voire son manque (qui n’est pas son absence), [...] assume de faire entendre un sujet à la fois insistant et irrepérable, inconnu et cependant reconnu selon une inquiétante familiarité: les mots ne sont plus conçus illusoirement comme de simples instruments, ils sont lancés comme des projections, des explosions, des vibrations, des machineries, des saveurs: l’écriture fait su savoir une fête” (BARTHES, 2002, pp. 434-435).

19 Este ponto está fora do escopo do presente artigo, mas é abordado com frequência (BARTHES, 1989, p. 12; PERRONE-MOISÉS, 2012b, p. 97; SAMOYAL, 2015, p. 618 ss.).

No posfácio descartado, Barthes (2007, p. 706, grifos nossos) faz uma avaliação dos possíveis impactos de *Fragmentos* sobre a imagem de seu autor:

Basta-me pensar que alguém, quem quer que seja, vai ler este texto, para que eu sinta sua *incongruência* radical (incongruência, porém, *sem glória*, pois é a de um objeto fora de moda): não é *escandaloso esmiuçar* um “estado sentimental” [...] num momento em que há no mundo coisas imensas em jogo (coisas estas que são cotidianamente lembradas justamente pelo jornal *Le Monde*?). O mundo luta, e eu matraqueio (“Falar  *muito*, num tom de voz um pouco elevado e sobre coisas pouco interessantes”).<sup>20</sup>

Temos aqui um material muito rico. Primeiramente, pode ser útil lembrar com Samoyault (2015) o contexto de publicação de *Fragmentos*: Barthes estava na reta final de uma longa campanha para integrar o Collège de France. Sua candidatura acarretava a criação de uma nova cadeira, a de Semiologia Literária, de modo que tanto seu currículo profissional quanto a validade acadêmica de seu trabalho – seus métodos, seus objetos, seus resultados – estavam em discussão. Essa situação avaliativa vinha ao encontro de um temor recorrente de Barthes: ser considerado um impostor em termos de pesquisa. Apesar de na década de 1970 já haver conquistado considerável notoriedade teórica e midiática, continuava a pairar sobre ele sua trajetória acadêmica pouco convencional, de que não fez parte o doutoramento.

Outro ponto potencialmente negativo era o caráter de suas propostas, cada vez mais centradas em questões que, à primeira vista, não pareciam dizer respeito ao coletivo. O peso desse aspecto é ilustrado por Perrone-Moisés (2012, p. 91) no artigo já referido:

(Num filme de alguns anos atrás – *Ciúme à italiana*, de Ettore Scola –, a personagem vivida por Marcello Mastroianni é levada literalmente à loucura por não encontrar resposta ao dilema: “Como encaixar meu problema pessoal de *cornuto* na questão da luta de classes?”. O olhar que lhe lança o secretário de sua célula comunista, quando ele lhe faz essa pergunta, em plena passeata contra a visita de um presidente norte-americano, exprime toda a inconveniência histórica desse tipo de formulação.)

---

20 “Il me suffit de penser que quelqu’un, quel qu’il soit, va lire ce texte, pour en ressentir la sorte d’incongruité radicale (incongruité cependant sans gloire, puisque c’est celle d’un objet démodé): n’est-il pas scandaleux de raffiner sur un ‘état d’âme’ [...], au moment où d’immenses choses sont en jeu dans le monde (ces choses qui sont quotidiennement rappelées, précisément par le journal *Le Monde*)? Le monde lutte, et je jabote (‘Parler beaucoup, d’une voix un peu élevée et de choses peu intéressantes’).”

Nesse texto, de título “Discurso amoroso e discurso de poder”, a pesquisadora apresenta *Fragments* e discute suas conexões com a produção barthesiana do período, especialmente a *Aula* inaugural do Collège. Ela situa *Fragments* como uma produção escritural ligada ao projeto de constante suspensão dos mecanismos de poder atuantes na língua, efeito que o livro obteria pela opção por um lugar de fala desautorizado, entre outros recursos.

Voltando ao trecho de Barthes, a “inconveniência histórica” de Perrone-Moisés participa do mesmo mal-estar evocado pelos termos barthesianos “incongruência”, “escandaloso” e “matraquear” [jaboter]. Fazer acompanhar este último numa definição com ares de dicionário incorpora algo entre ambivalência e ironia à preocupação: aqueles que criticariam o autor não teriam sequer o vocabulário adequado para fazê-lo. Por outro lado, o termo permite vincular sua postura de pesquisador à caracterização do apaixonado como alguém cuja marginalidade se dá pela desmesura: fala *demais* sobre coisas *pouco* importantes, não sabe a relevância objetiva, consensual, de uma dada questão –, o que é outra forma de dizer que ele estaria fora do prescrito pelo senso comum, a *doxa* cuja problematização Barthes sempre prezou. Ainda na mesma linha da definição de “jaboter”, a qualificação de “escandaloso” pode se voltar contra críticas em potencial, uma vez que tão tolo quanto se ocupar de um assunto sem importância seria ocupar-se de que o outro estivesse se ocupando de algo sem importância.

Na versão finalizada para publicação, sobressai a apresentação da proposta de *Fragments*, e a autoavaliação explícita é quase totalmente suprimida. Resta uma espécie de alfinetada na opção por abrir a porção introdutória do volume com “A necessidade deste livro funda-se na consideração seguinte” e por concluí-la com “indiferente aos bons usos do saber”. Que bons usos seriam esses a que *Fragments* não se prestaria? A partir do trecho barthesiano em discussão, podemos pensar que a pesquisa sobre o Discurso Amoroso não teria pretensão de ser algo que pudesse mudar o mundo trazido por *Le Monde*, isto é, algo de importância socialmente reconhecida – apesar de ser ainda *necessário*.

Ao longo deste estudo, temos falado em projeto e trabalho, termos pouco presentes em *Fragments*, porém recorrentes nos dois seminários e no Datiloscrito. Ora, falar em projeto costuma levantar a questão dos resultados – ou talvez possamos aqui pensar em efeitos pretendidos. Apesar de ausentes da versão final do livro, eles são discutidos em detalhes

no posfácio descartado e, de modo geral, estão ligados à ação da *nuance*. Como vimos, um deles é a criação de um novo tipo de saber, que não prescindia do afeto. Outro é o encaminhamento de uma espécie de utopia.

Uma das primeiras considerações de Barthes (2007, p. 288) na lida com o Discurso Amoroso é a imposição da língua francesa, que obriga a marcação de gênero do locutor e da pessoa amada como masculinos ou femininos. Segundo ele, essa diferenciação não é importante para a experiência amorosa, mas acaba entrando no Discurso Amoroso por força da configuração da língua. Contra essa obrigatoriedade, Barthes afirma o desejo de conseguir desfazer esse binário introduzindo uma diferenciação infinita:

A utopia seria, pois, a seguinte: que chegue o dia em que cada um terá a língua, não de seu gênero, mas de sua sexualidade. Não do objeto, mas da tendência; [...] não indiferenciar, mas pluralizar; não afirmar ou reivindicar um gênero em detrimento do outro, ou a igualdade dos dois, mas acreditar que existem, não duas sexualidades, mas milhares, baldes delas – e falar conforme essa crença. Assim, pouco a pouco, mudar a língua pela mudança do discurso (BARTHES, 2007, p. 702).<sup>21</sup>

Nessa passagem, pode causar incômodo a estrutura adversativa que advoga a pluralidade em termos de “não X, mas Y”. Essa formulação pode soar demasiado combativa e nisso destoante da ação que Barthes preferia nos últimos anos, a subversão, que infiltra um sistema e cava nele pequenas brechas disruptivas. Deslocamentos delicados, como perturbar a sintaxe de oposição colocando como segundo termo algo que não é o contrário do primeiro, mas uma mudança de instância, uma abertura.

## FECHAMENTO/ABERTURAS

Ao longo destas linhas, rastreamos no trabalho barthesiano com o discurso amoroso um notável empenho de Barthes em declarar seus objetivos, em escorar suas opções formais e metodológicas numa proposição epistemológica e, em última instância, numa utopia. O esforço reflexivo atravessa os seminários e constitui muito do posfácio descartado;

---

21 “L’utopie serait donc celle-ci: qu’un jour vienne où chacun aura la langue, non de son sexe, mais de sa sexualité. Non de l’objet, mais de la tendance; [...] non pas indifférencier, mais pluraliser; non pas maintenir ou revendiquer un sexe contre l’autre, ou les deux à l’égalité, mais croire qu’il y a, non pas deux sexualités, mais des milliers, des tonnes de sexualités – et parler selon cette croyance. Donc, peu à peu, changer la langue, à force de changer le discours.”

entretanto, como pudemos ver no Quadro 1, ficou muito reduzido em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Essa redução não é sintética ou culinária, com manutenção do poder ativo, mas simples corte. Os motivos dessa reformulação podem ser vários. Quanto aos efeitos, parece-nos que esse relativo silenciamento acerca do projeto do autor permite uma aposta na autonomia dos leitores e também na potência dos quesitos formais da composição para convidar a um certo funcionamento que não deixa de passar por uma confusão – um estranhamento no contato com *Fragmentos* – que poderia ser prejudicada ao se inocular o leitor com um tratado autoral acerca dos porquês (mesmo na posição de posfácio).

Por fim, em lugar de arremates pode ser mais proveitoso deixar aqui um fio solto. Este é a presença de um vocabulário que remete a Derrida – suplemento, citacionabilidade, iterabilidade. Esses acenos, quer sejam ou não propositais, contribuem para infundir das propostas derridianas o aspecto de projeto e de trabalho, tensionando a intencionalidade que vem como ranço do senso comum acerca destes e que destoa do modo sutil como Barthes vinha tratando essas questões na mesma época.

---

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. De la parole à l'écriture. In: *Le grain de la voix*. Entretiens 1962-1980. Paris: Seuil, 1981, p. 913.
- BARTHES, Roland. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Seuil, 1989. (Coll. Tel Quel)
- BARTHES, Roland. Leçon. In: *Oeuvres complètes*. Vol. V. Paris: Seuil, 2002, pp. 429-446.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Col. Roland Barthes)
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007a.
- BARTHES, Roland. *Le Discours amoureux*. Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976. Suivi de *Fragments d'un discours amoureux*: inédits. Paris: Seuil, 2007b. (Coll. Traces Écrites)
- BARTHES, Roland. Au séminaire. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, pp. 412-424. (Col. Roland Barthes)
- COSTE, Claude. Les brouillons du "Je t'aime". In: *Roland Barthes ou l'art du détour*. Paris: Hermann, 2016, pp. 55-86.

- COSTE, Claude. *Roland Barthes moraliste*. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 1998.
- COSTE, Claude. Préface. In: BARTHES, R. *Le discours amoureux*. Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976, suivi de Fragments d'un discours amoureux: inédits. Paris: Seuil, 2007, pp. 19-45. (Coll. Traces Écrites)
- MARTY, Éric. Sur les "Fragments d'un discours amoureux". Réflexions sur l'image. In: *Roland Barthes, le métier d'écrire*. Paris: Seuil, 2006, pp. 191-336.
- OLIVEIRA, Priscila Pesce Lopes de; BYLAARDT, Cid Ottoni. O estranho murmúrio de *Fragmentos de um discurso amoroso*. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 62, pp. 46-64, 2019. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27675>>. Acesso em: 29 out. 2019.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Discurso amoroso e discurso de poder. In: *Com Roland Barthes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a, pp. 89-94.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. O semiólogo apaixonado. In: *Com Roland Barthes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b, pp. 95-99.
- PINO, Claudia Amigo. *Roland Barthes: a aventura do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2015.
- PINO, Claudia Amigo. Genèse d'une critique magique. Les grands projets de Roland Barthes dans les séminaires de l'EHESS. In: BERTRAND, Jean-Pierre (Org.). *Roland Barthes: continuités*. Paris: Christian Bourgois éditeur, 2017, pp. 189-206.
- ROBBE-GRILLET, Alain. *Por que amo Barthes*. Trad. Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- ROGER, Philippe. *Roland Barthes, roman*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1986.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 2015.

Recebido: 31/3/2019

Aceito: 18/8/2019

Publicado: 25/6/2020